

# Os Dois Viajantes

---

Ricardo Flores Magón

**D**ois viajantes se encontraram, suados, em um mesmo ponto de seus caminhos, curvados sob o peso de seus fardos.

- O que carregas? Perguntou um ao outro.

- Esperanças – disse o interrogado - E você, o que carregas?

- Desenganos.

E os dois viajantes se olharam fixamente, sorrindo o das esperanças, suspirando o dos desenganos.

O dos desenganos disse:

- Eu também carreguei esperanças por algum tempo; mas uma a uma sucumbiram como flores plantadas no gelo e agora carrego cadáveres. O que é o desengano se não o cadáver de uma esperança?

O dos desenganos suspirou e dos seus olhos embelezados pela dor se desprenderam pérolas líquidas, condensação sublime da amargura humana. Depois de uma breve pausa, continuou:

- Com meu fardo bem repleto de esperanças me lancei ao mundo em busca de um homem forte que salvasse o povo da miséria e da tirania. Os redentores abundam, cada um possuidor de uma maneira específica para acabar com todos os males que afligem a humanidade, cada um deles buscando o voto de seus concidadãos para fazer a felicidade do povo. O povo escolhia alternadamente a um ou a outro destes redentores e eu, como eles, fazia o mesmo. Tudo foi em vão. Logo

que o redentor chegou ao poder, se fez tirano. O homem é libertador quando se está por baixo; opressor, quando se está em cima. Entre os demais homens, o herói se vê igual a todos e se sente irmão dos que sofrem; no alto, se crê maior que os demais. Se quiser corromper um bom homem, não se tem que fazer outra coisa do que transformá-lo em chefe.

O viajante dos desenganos baixou a cabeça, como quem se entrega a uma meditação profunda, para continuar desta maneira:

- Foi assim que morreram uma a uma minhas esperanças. A humanidade está condenada à prisão perpétua, porque não pode encontrar-se o homem que pode salvá-la.

E suspirou e nesse suspiro continham todos os desalentos e se somavam todos os esgotamentos e desmaios de todos os vencidos do mundo.

O viajante das esperanças abriu os lábios, com um gesto que injetava confiança e dissipava o pessimismo pelo outro lançado, disse:

- Foram bem merecidos os fracassos dos povos que andaram em busca de um homem que os livrasse da miséria e da tirania. Eu não busco um homem que redima, mas sim homens

que se redimam. Eu não acredito em um homem que dê a liberdade, mas sim em homens que a conquistem por sua própria conta. “A emancipação dos oprimidos deve ser obra dos próprios oprimidos.”

Endereçou sua cabeça e lançou um amplo olhar que parecia abarcar todas as coisas, todos os homens e todos os acontecimentos da história, um olhar que tudo compreendia, podia compreender tudo e tirar do conjunto das conclusões que iam ao encontro da ciência. Depois de um curto silêncio, disse:

- O erro da humanidade consistiu em querer se libertar da miséria e da tirania, mantendo em pé a causa desses males que é o direito da propriedade privada e suas consequências naturais: o governo e a religião, porque a propriedade individual necessita de um cão de guarda que a cuide: o Governo. Também de um charlatão que mantenha no pobre o temor de Deus para que não se rebele: o sacerdote. Eu vou contra o Capital, a Autoridade e a Religião. Vou para Anarquia, eu triunfarei!

Os dois viajantes se despediram, um fortalecido com suas esperanças, outro esgotado com seus desenganos.

**Ricardo Flores Magón** foi militante anarquista com atuação relevante na Revolução Mexicana. Traduzido por Eleuterio Panclasta.